

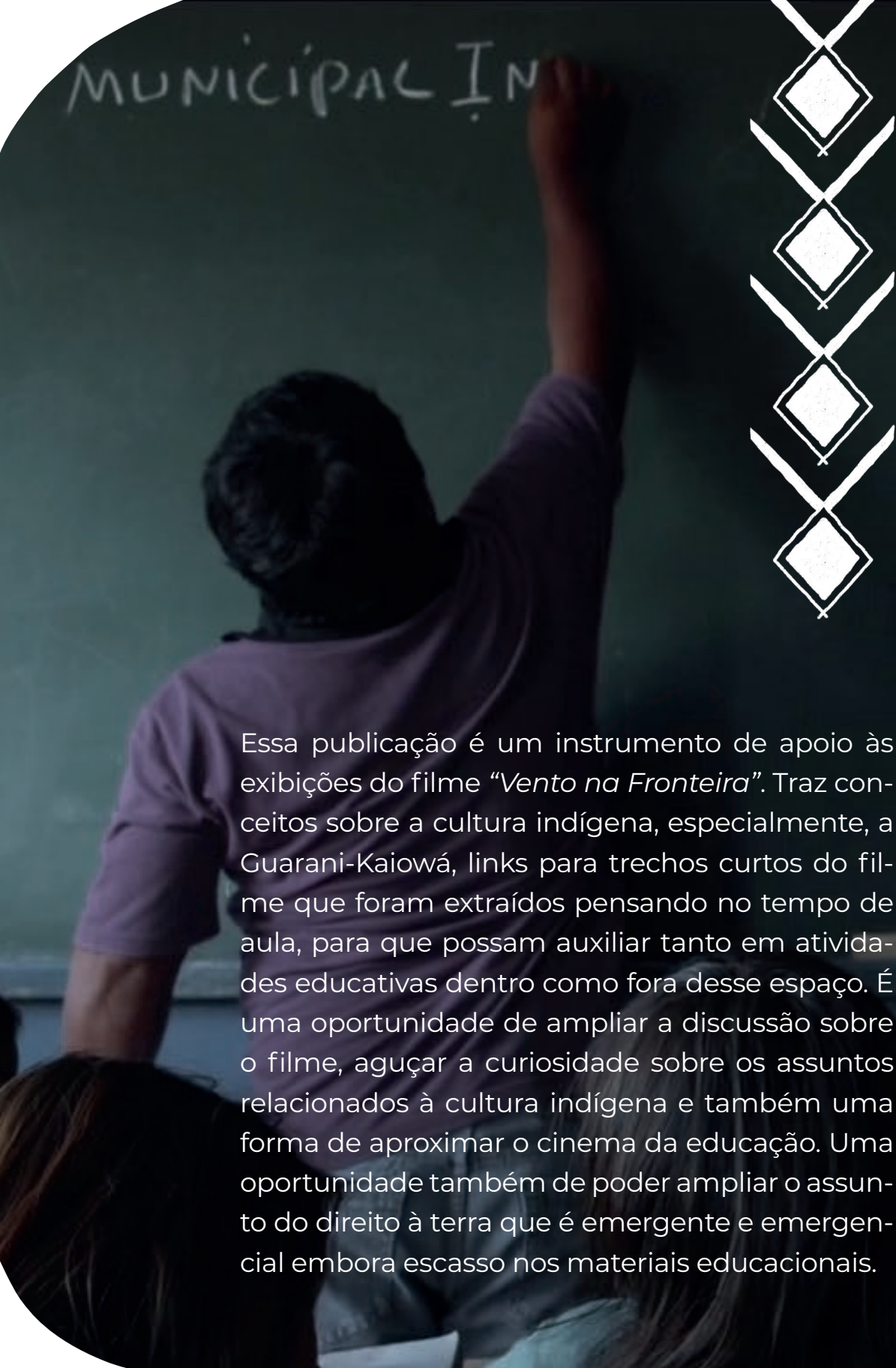
VENTO NA FRONTEIRA

CADERNO EDUCATIVO



TATURANA

contato@taturanamobi.com.br



MUNICIPAL IN



COMO USAR ESTE MATERIAL

Você pode usar este material de diversas maneiras. Fique à vontade para explorá-lo de acordo com a sua necessidade e propor novas maneiras de utilizá-lo! A ideia é que ele possa te ajudar se você quiser fazer um debate após assistir o filme completo, ou apenas utilizar algumas cenas para potencializar a conversa sobre as temáticas trazidas aqui e que estão relacionadas ao filme. Este material tem recursos que facilitam a busca e visualização pelos assuntos com links e qr codes para os trechos do filme e vídeos relacionados, perguntas disparadoras que podem te auxiliar nas reflexões, destaques para curiosidades e mapas e, outras sugestões de leituras.

Antes de tudo, a dica mais importante é sempre criar as condições para que o diálogo seja fluido, estimulante e confortável. Pense nisso!

Antes de explorar este material você também pode pensar em:

> Se interessa ou não ou não já falar sobre todos os assuntos, ou seja, falar sobre os contextos narrativo, histórico ou cultural, apontar a localização com os mapas (às vezes ajuda a despertar o interesse, em outras ocasiões será melhor trabalhar diretamente a partir do que um trecho nos trans-

mite ou evoca). Se quer que o grupo foque desde o início em algum aspecto em particular (p.ex. o idioma guarani, a escola indígena ou marco temporal), é interessante falar antes com o objetivo de prender a atenção.

> Se exibir pela primeira vez apenas um trecho e revisá-lo tantas vezes como seja conveniente: voltando atrás, lembrando de partes, colocando vários assuntos em comum, voltando a ver (e a ouvir!). Às vezes, será interessante ver dois ou três trechos seguidos e abrir a conversa depois.

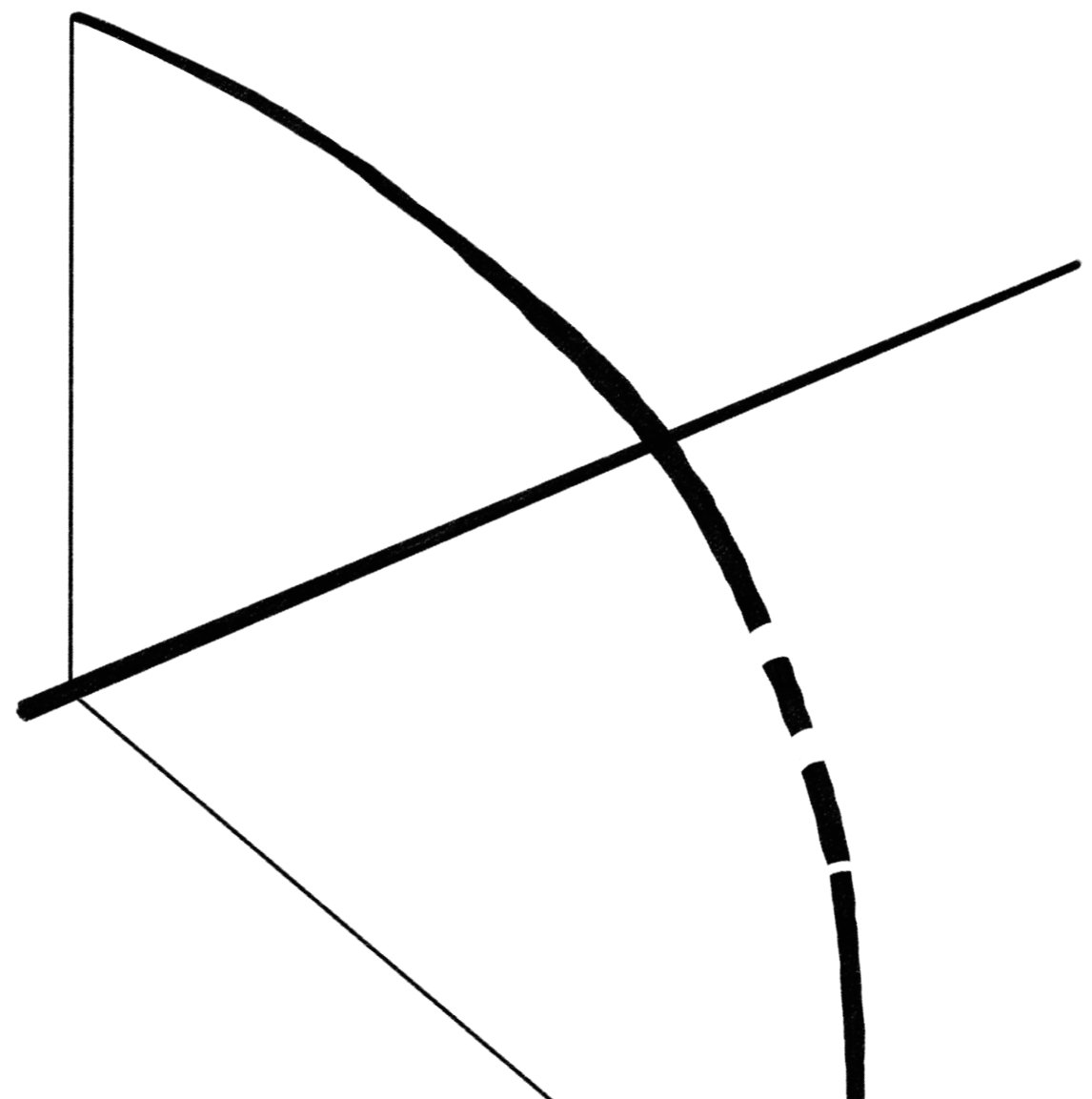
> Se partir diretamente para as perguntas propostas; em outras, pode ser interessante que puxadores de conversa façam um primeiro comentário para articular o diálogo. Com frequência é interessante começar a conversa apelando para opinião que os participantes tenham como espectadores para depois articular algum comentário ou explicação.

Por fim, é importante ter em conta que um aspecto que mais cause engajamento ou impacto nas pessoas seja algo que não se abordou neste material. Se isso acontecer, temos que aproveitar essa situação muito especialmente. O maravilhoso do cinema é sua capacidade de apelar para as emoções e a cada pessoa de maneira singular.

Vamos nessa?



ÍNDICE



02
Introdução

16
Histórico Territorial
Guarani-Kaiowá

29
Questões disparadoras

04
KUÑA RENDY I

18
Direito Originário X
Marco Temporal

31
Caderno Educativo

05
Introdução à
temática indígena

21
Retomada de Terras

32
Taturana Mobilização e o
filme “Vento na Fronteira”

10
Terra Indígena
Ñhande Ru Marangatu

24
É muita terra pra
pouco fazendeiro

35
Organizando uma
exibição gratuita

12
Povos Multilíngues

25
Mato Grosso do Sul
Campeão de conflitos
por terra

36
Para saber mais

13
Escola na Aldeia

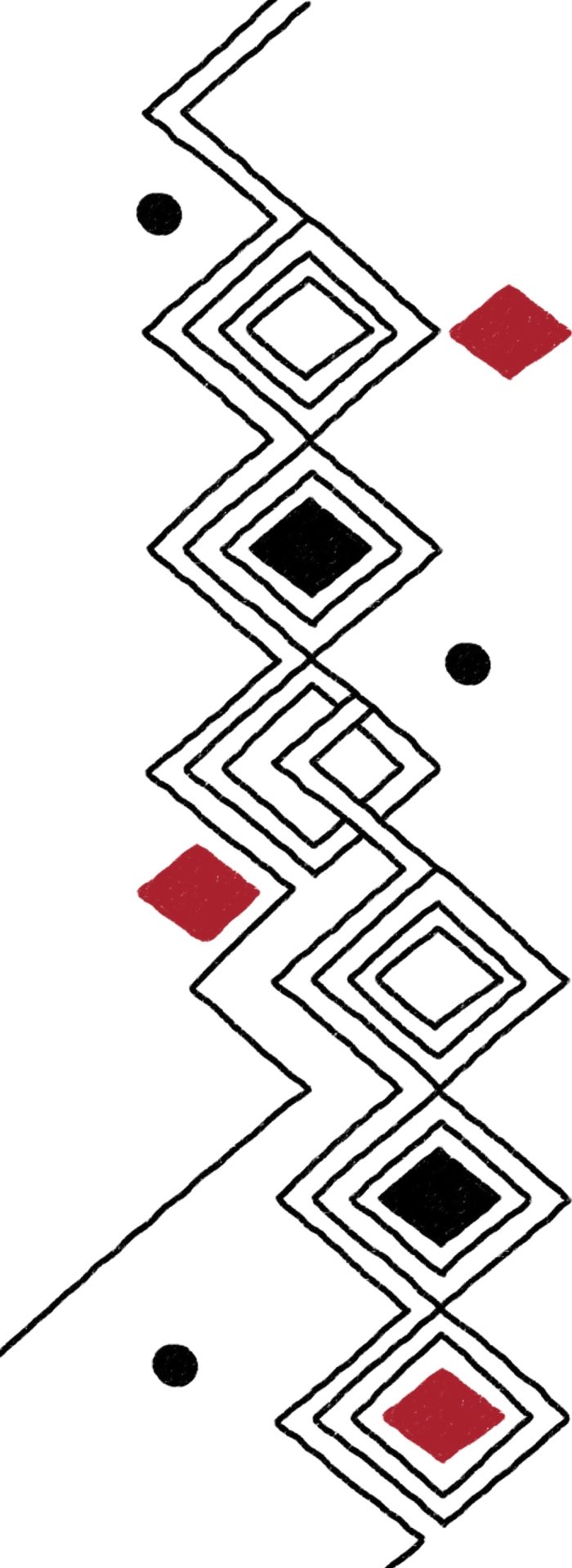
27
Relação com a terra

37
Créditos

“Meu nome é Alenir Aquino Ximendes, em guarani me chamo Kuña Rendy'i, moro no Ñande Ru Marangatu. Faço parte da comissão de liderança dentro da aldeia, parte também da Kuñangue Aty Guasu (Grande Assembléia das Mulheres Kaiowá e Guarani) e sou chefe da Coordenação Técnica Local de Antônio João pela FUNAI para atender mais sete aldeias no Mato Grosso do Sul. Além disso, no momento estou na direção da escola Mbo Eroy Tupã I Arandu Renoi, que fica no município de Antônio João, trabalhando com séries iniciais (de educação infantil ao 5o. ano) e incentivando a formação e entrada de professores indígenas na rede municipal. Na escola, foi feita a gravação do filme **“Vento na Fronteira”**”.

KUÑA
RENDY'I





INTRODUÇÃO À TEMÁTICA INDÍGENA

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS

Por que trabalhar com os Guarani-Kaiowá?

Os Guarani-Kaiowá são a segunda maior população indígena do Brasil (cerca de 45 mil pessoas), vivem no Mato Grosso do Sul e estão entre as etnias com a pior distribuição de terras do país. Devido ao desmatamento massivo e às remoções, eles vivem em áreas muito próximas aos centros urbanos, muitas vezes precariamente acampados nas beiras das estradas que ladeiam suas terras ancestrais. Assim, assimilaram hábitos e utilizaram produtos da sociedade não-indígena, sem se sentirem menos indígenas. São alvos frequentes de preconceito tanto por serem indígenas, quanto por não corresponderem à imagem idealizada, tendo sua identidade, assim como seus direitos, constantemente postos em dúvida. Escolhemos trabalhar com eles para questionar o estereótipo de que os povos nativos só são encontrados nas florestas brasileiras. Mais da metade dos aproximadamente 1 milhão de indígenas brasileiros habitam áreas próximas aos centros urbanos.

Falar da temática indígena é se deparar com uma série de preconceitos e estereótipos presentes no senso comum como mencionamos anteriormente.

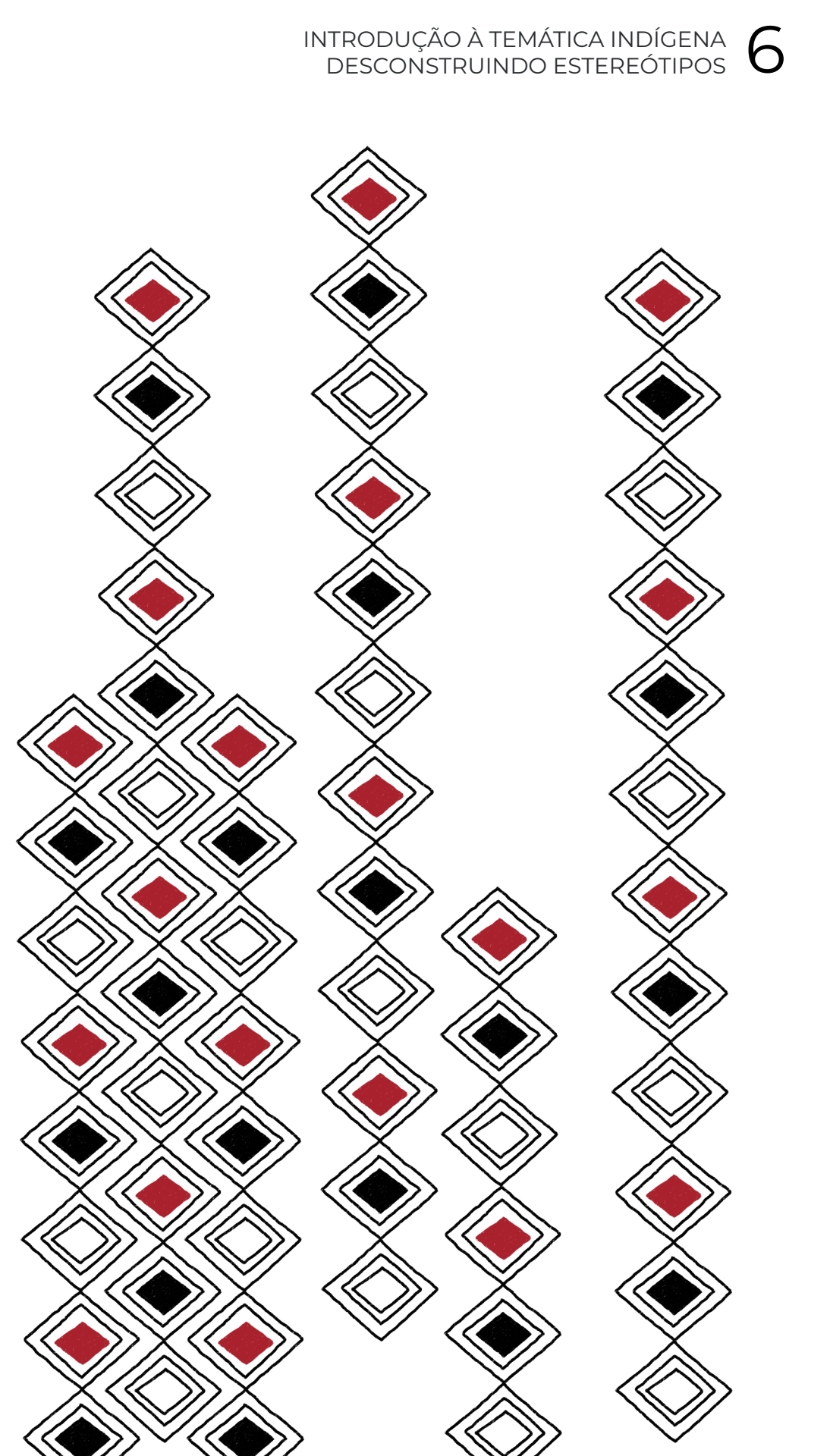
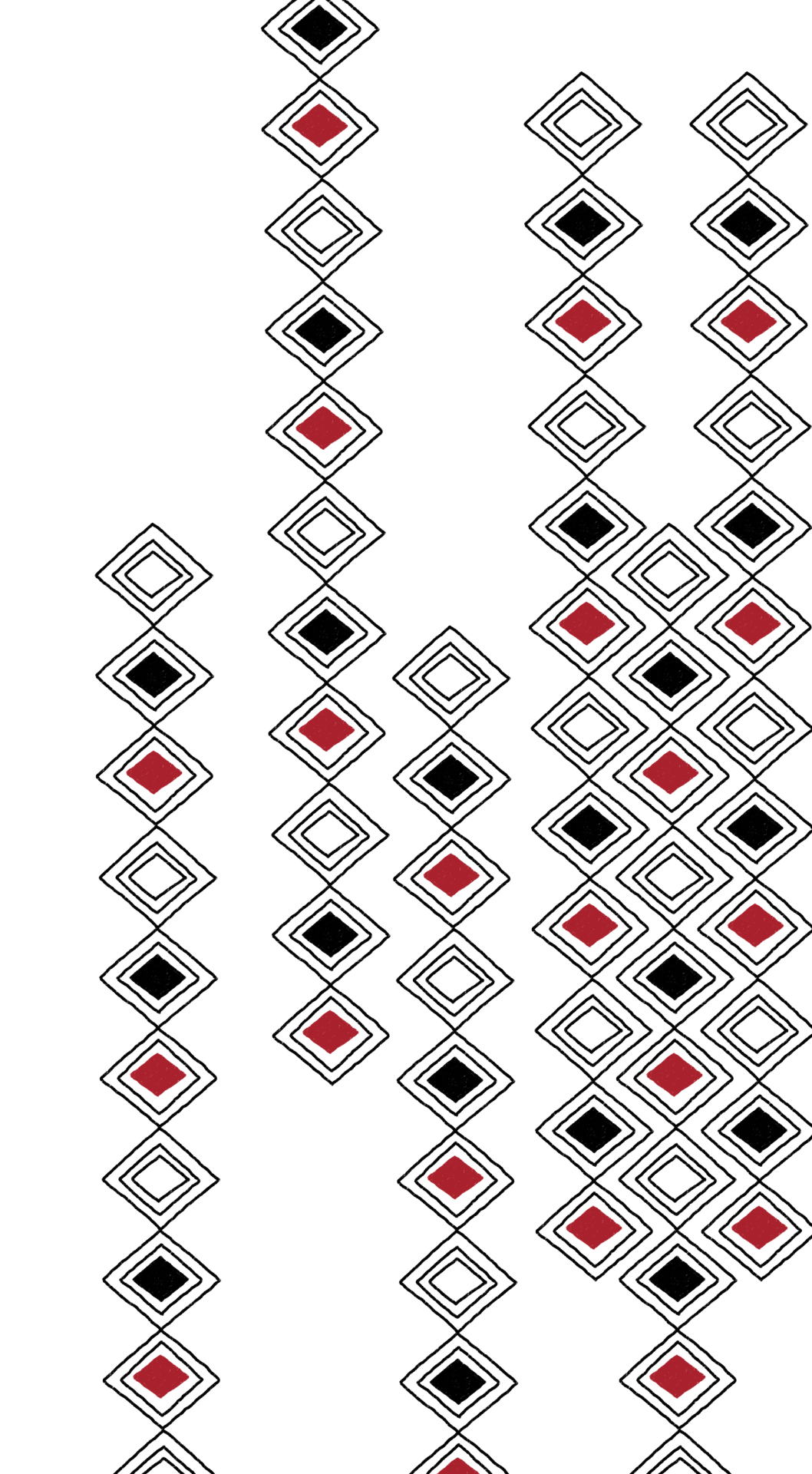
Um deles é o de que para ser indígena é preciso viver nu na floresta. Muitos indígenas não têm mais mata e/ou perderam suas terras. Quase a totalidade deles estão em relação com o mundo dos brancos e incorporam o uso de suas tecnologias e outros hábitos no seu dia a dia, sem, com isso, deixar de serem indígenas. Eles não vivem parados no tempo, como mostra esse pequeno vídeo de um minuto realizado pelo ISA - Instituto Socioambiental em parceria com o povo Baniwa:



Vídeo #MenosPreconceitoMaisÍndio

Assista no link abaixo

<https://campanhas.socioambiental.org/maisindio/>



No filme **“Vento na Fronteira”** observamos diversas falas dos fazendeiros que reproduzem e amplificam estereótipos e preconceitos sobre os povos indígenas tais como: *“os indígenas são atrasados, são incapazes, passíveis de serem comparados com crianças que precisam de limites”* e etc. Falas como essas estão por toda a parte e permanecem vivas no imaginário popular do país, demonstrando um imenso desconhecimento de quem são os povos indígenas.

PERGUNTAS

1. Mas, por que a temática indígena é tão pouco conhecida no nosso país?
2. Como essa invisibilidade se produz e reproduz na nossa sociedade?
3. Como romper com o ciclo de produção de preconceitos e conhecer os povos indígenas?

MAPA DAS TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL



Hoje, no Brasil, são **305** povos indígenas falando mais de **180** línguas

São povos muito diversos entre si, com culturas diferentes, habitando os cinco biomas brasileiros e com histórias de contato com os brancos muito diferentes.

Mas se tem uma coisa que os povos indígenas têm em comum e que marca a sua história é a experiência da colonização, isto é, o impacto que as violentas ações dos colonizadores gerou nas suas vidas. Uma das consequências mais tristes foi a perda de suas terras.

CURIOSIDADE



No Brasil há povos indígenas do Nordeste que possuem 5 séculos de contato com os brancos ao mesmo tempo que há povos vivendo em isolamento. Até 2017 havia registro de 28 povos isolados no território nacional.

[LINK](#)



Um grupo de indígenas isolados na Amazônia Legal vista do ar durante uma expedição do governo brasileiro em 2010.

© G.Miranda/FUNAI/
Survival

ÍNDIO OU INDÍGENA

A palavra *índio* é um termo genérico fruto do mal entendido colonial, já velho conhecido: os portugueses pensando que haviam chegado às índias.

Mas indígena tem uma outra origem, do latim quer dizer: *“natural do lugar em que vive, gerado na terra em que vive”*.

O escritor, professor e ativista indígena, Daniel Munduruku acredita que a palavra *índio* é um apelido e um termo genérico empregado pelo colonizador que esconde a diversidade dos povos indígenas.



Veja este vídeo em que Daniel Munduruku fala sobre a diferença entre as palavras *índio* e *indígena*

[LINK](#)

Para conhecer mais o seu trabalho:

<http://danielmunduruku.blogspot.com/>





GUARANI E GUARANI-KAIOWÁ



Guarani

Os Guarani constituem uma das populações indígenas de maior presença territorial no continente sul-americano. Estão no Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai. Falam a língua guarani do tronco Tupi e da família Tupi-Guarani.

Em 2016 somavam
85.255 pessoas

Os Guarani diferenciam-se internamente em diversos grupos muito semelhantes entre si, nos aspectos fundamentais de sua cultura e organizações sociopolíticas, porém, diferentes no modo de falar a língua guarani, de praticar sua religião e distintos no que diz respeito às tecnologias que aplicam na relação com o meio ambiente.

Os grupos guarani que hoje vivem no Brasil são:

- Mbya
- Avá Guarani, denominados no Brasil como Ñandeva
- Pãi-Tavyterã, conhecidos no Brasil como Kaiowá

Os Guarani-Kaiowá vivem no Mato Grosso do Sul e no Paraguai. No Estado de Mato Grosso do Sul há aproximadamente 45.000 pessoas que pertencem às etnias Guarani-Kaiowá e Guarani-Ñandeva e estão distribuídas em mais de 30 áreas, com tamanhos variados e em diferentes condições de regularização fundiária. Há áreas demarcadas, áreas identificadas, e acampamentos aguardando reconhecimento do Estado.

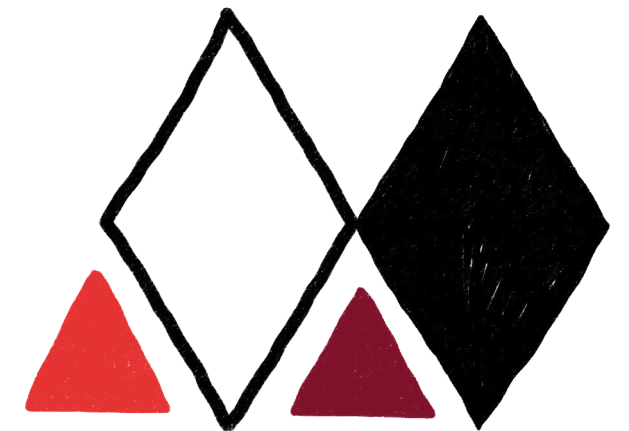
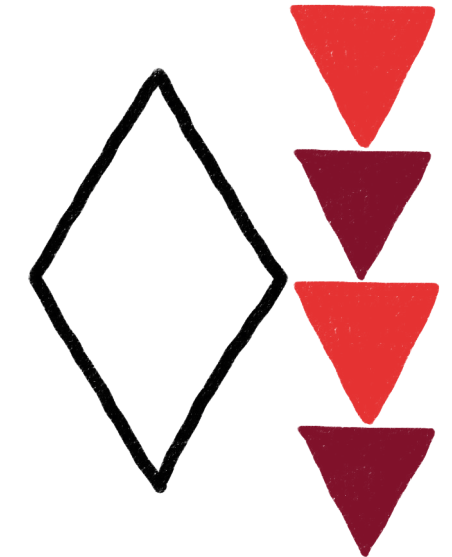
CURIOSIDADE

O nome Kaiowá deriva do termo **KA'A O GUA** em que **KA'A** é mata, ou seja, os Guarani-Kaiowá são “o povo que pertence à floresta alta, densa”, o que é indicado pelo sufixo “o” (grande). (Fonte: PIB/ISA).



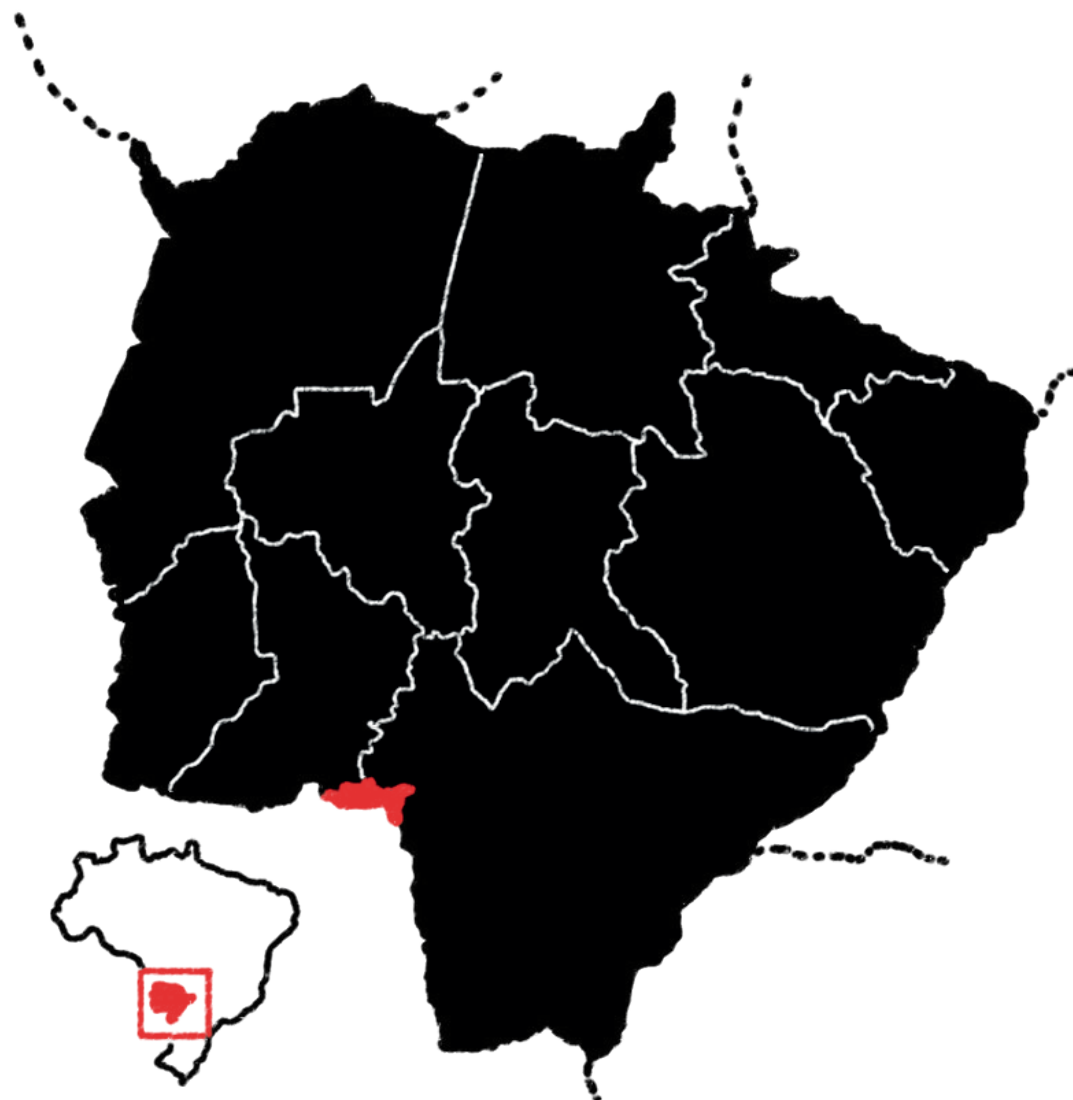
Para saber mais sobre os Guarani-Kaiowá acesse:
[LINK](#)

Clique no link para ver a localização das Terras indígenas e aldeias Guarani: [LINK](#)



TERRA INDÍGENA ÑHANDE RU MARANGATU

A indígena Alenir, protagonista do filme **“Vento na Fronteira”** vive na Terra Indígena Ñhande Ru Marangatu, localizada no município de Antônio João, fronteira do Brasil com o Paraguai, no Mato Grosso do Sul.



Tamanho da terra
9.317,2160 hectares

Situação da terra: **homologada**

(* suspensão parcialmente por liminar da justiça)

População que vive na Terra
Indígena: **2.500 pessoas**

Bioma: **cerrado**

* Ñhande Ru Marangatu, que fica a 300 km de Campo Grande, na fronteira do Brasil com o Paraguai, já passou por todos os processos de demarcação e foi inclusive homologada pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2005. No entanto, ainda em 2005 a homologação foi suspensa parcialmente, por liminar da Justiça do então presidente do STF Nelson Jobim.

Mapa da localização da Terra Indígena Ñhande Ru Marangatu no Estado do MS



Terra Indígena Ñhande Ru Marangatu

O nome Ñande Ru Marangatu em guarani significa algo como “Nosso Pai Divino” e faz alusão a um morro localizado no interior da terra indígena, percebido pelos Kaiowá como lugar sagrado e epicentro religioso de um *tekohá guasu* ou grande território tradicional (Fonte: [LINK](#)).



TERRA INDÍGENA E TERRITÓRIO: QUAL A DIFERENÇA?

De modo bem resumido a “Terra Indígena” é uma categoria jurídica e diz respeito ao processo político-jurídico conduzido pelo Estado para regulamentar o direito territorial dos povos indígenas, já “território” refere-se à construção e à vivência, culturalmente variável, da relação entre uma sociedade específica e sua base territorial.

Para saber mais leia o artigo: “**Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?**” de Dominique Gallois: [LINK](#)



POVOS MULTILÍNGUES

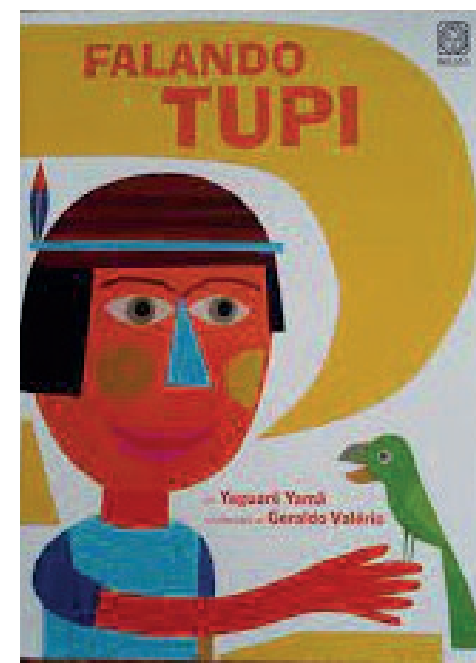
Você sabia que muitos povos indígenas são bilíngues ou falam até mais de duas línguas? Os Guarani-Kaiowá falam, pelo menos, o guarani e o português, e muitos deles falam também o espanhol.

E você, quantas línguas fala?

O escritor, ilustrador e professor Yaguarê Yamã, indígena nascido no Amazonas e filho do povo Maraguá, nos conta um pouco do legado das línguas de tronco Tupi.

“O que as palavras jacaré, tatu, ipê e urubu têm em comum? Todas elas foram incorporadas pela língua portuguesa embora sejam de origem tupi. Língua legítima dos indígenas tupinambás, tupiniquins, caetés, tamoios e potiguaras, o tupi foi gramaticalizado pelos jesuítas e utilizado pelos colonizadores portugueses do século XVI nos primeiros contatos com os povos nativos. Estima-se em mais de dez mil palavras a contribuição da língua tupi para o português falado no Brasil. Nomes de lugares, rios, montanhas, plantas e frutas hoje fazem parte da cultura brasileira por todo o seu território”.

Procurem pelo livro: **Falando Tupi** do autor Yaguarê Ymã. Editora Pallas, 2012.



Alenir é professora da Escola Municipal Mbo Eroy Tupã I Arandu Renoí que fica na Terra Indígena Nãnde Ru Marangatu.

Os povos indígenas têm seus modos próprios de ensinar, aprender e transmitir seus conhecimentos, que variam bastante de povo para povo. Grosso modo, aprendem com seus parentes mais próximos no dia a dia ou em momentos especiais como em rituais. A esses modos próprios de transmissão dos conhecimentos e habilidades necessárias à vida damos o nome de educação indígena.



Acesse o **“Povos Indígenas do Brasil - Mirim - ISA”** para saber mais sobre como vivem as crianças indígenas: <https://mirim.org/>

PERGUNTAS

- 1. Você já parou para pensar o que aprende fora do espaço de educação formal da escola?**
- 2. O que você aprende diariamente com as pessoas próximas e que convivem com você? O que você aprendeu com sua avó ou com seu avô?**

Embora os povos indígenas tenham seus modos próprios de educar, hoje também há escolas nas aldeias.

Você sabia que os indígenas têm direito a escolas diferenciadas, interculturais e bilíngues?

PARA QUÊ ESCOLA NAS ALDEIAS?

A educação escolar indígena é um direito previsto em lei e uma reivindicação do movimento indígena.

Gersem Luciano, antropólogo e educador da etnia Baniwa, vai dizer que a educação escolar indígena refere-se à escola que foi apropriada pelos povos indígenas no intuito de *“reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminhos para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global”*.



Esse trecho está na página 129 do livro **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje de 2006**. Disponível em: [LINK](#)

CURIOSIDADE

Segundo o censo escolar de 2022, hoje existem 3.541 escolas de ensino básico e 3.484 escolas de ensino fundamental localizadas em territórios de comunidades indígenas.

Educação em Terras Indígenas - Censo escolar: [LINK](#)



Escola Municipal Mbo Eroy Tupã I Arandu Renoí

Assista aos trechos abaixo do filme **“Vento na Fronteira”**



TRECHO 1
[VEJA AQUI](#)



TRECHO 2
[VEJA AQUI](#)

Nestes dois trechos observamos atividades acontecendo na escola indígena da Terra Indígena Ñhande Ru Marangatu. No primeiro, um professor ensina os alunos em língua guarani e na sequência, Alenir ensina o português para um grupo pequeno de crianças. No segundo trecho, atividades de naturezas diferentes acontecem simultaneamente num mesmo espaço na escola indígena: jovens ensaiam uma dança coletiva com uma música mecânica não-indígena ao mesmo tempo em que Fausta Solano Ñandesí (rezadora) pinta com tinta de urucum bastões de ritmo e rostos.

Os trechos são ilustrativos para nos ajudar a entender os dois movimentos que tornam a escola indígena intercultural: professores indígenas ensinam aos alunos indígenas conhecimentos do seu próprio povo a partir da memória e da tradição Guarani-Kaiowá, ao mesmo tempo em que ensinam os saberes da escrita e leitura em português. A escola permite articular os dois mundos.

PERGUNTAS

1. **A escola que você estuda ou estudou é intercultural? Se sim, nos conte como.**
2. **Como o diálogo entre saberes ocidentais e indígenas dentro da escola pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária?**
3. **A temática indígena fez parte da sua trajetória escolar? Como? Se não fez parte, comente por que você imagina que isso aconteceu.**

VOCÊ CONHECE A LEI 11.645?

A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

Passados 15 anos da promulgação da lei, podemos dizer que muito se avançou em torno de discussões e ações para uma educação voltada às relações etno-raciais mas há, ainda, muitos desafios pela frente. Para um debate atualizado sobre as conquistas e desafios da lei: [LINK](#)



Para saber mais sobre a temática indígena na escola - "Videoaula com Alice Villela, antropóloga, educadora e indigenista": [LINK](#)

HISTÓRICO TERRITORIAL

GUARANI-KAIOWÁ

A ocupação do Estado do Mato Grosso do Sul por indígenas Guarani-Kaiowá remonta a tempos imemoriais.

Tonico Benites, liderança indígena Guarani-Kaiowá e antropólogo, conta em sua tese de doutorado sobre o processo de expropriação de terras que vivenciou seu povo e sobre o movimento que empreenderam na luta pela recuperação dos territórios tradicionais indígenas (*tekoha*).

Após a guerra do Paraguai que aconteceu entre 1864-1870 o Estado brasileiro começou a abrir a região para o capital privado e concedeu um enorme espaço de terras para a Cia. Matte-Larangeira, permitindo a exploração exclusiva da erva-mate nativa na região em que estavam localizados os territórios tradicionais indígenas (*tekoha*). Muitos Guarani-Kaiowá trabalharam na extração da erva-mate.

Em 1915 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), órgão do Estado brasileiro criado cinco anos an-

tes para executar a política governamental frente às populações indígenas do país, criou oito reservas minúsculas destinadas aos Kaiowá e Nandeva do Mato Grosso do Sul. Nesses aldeamentos forçados, os indígenas eram educados para o trabalho. O SPI se orientava pela perspectiva de integrar as populações indígenas ao mundo ocidental.

Com a criação das reservas os territórios indígenas passaram a ser considerados como “terra devoluta” e “terra vazia” e, por isso, se tornaram objeto legal de comércio. Para o Estado, as oito Reservas Indígenas criadas pelo SPI eram consideradas como os únicos espaços oficiais destinados aos Guarani e aos Kaiowá.

A partir das décadas de 1950 e 1970 teve início um novo período de expulsão e dispersão das famílias indígenas de seus territórios. Essa nova situação é marcada tanto pelo fim do monopólio da Cia. Matte-Larangeira, quanto pelo aumento do loteamento da região, quando se abre a região para a instalação de inúmeras fazendas privadas sobre os *tekoha* Guarani-Kaiowá.

Tonico Benites conta que os novos ocupantes se apossaram das terras também por meio de relações com agentes políticos locais, contando com a atuação de missionários, militares e de funcionários dos órgãos indigenistas do Estado, tanto do antigo SPI quanto da FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas), e que o modo de operar a expulsão dos indígenas foi com grande violência.

A tese de Tonico Benites se chama: “*Rojeroky hina ha roike jevy tekohape* (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus *tekoha*” e foi defendida em 2014 na UFRJ. Sobre o histórico territorial ver páginas 40, 41 e 42. Disponíveis em: [LINK](#)



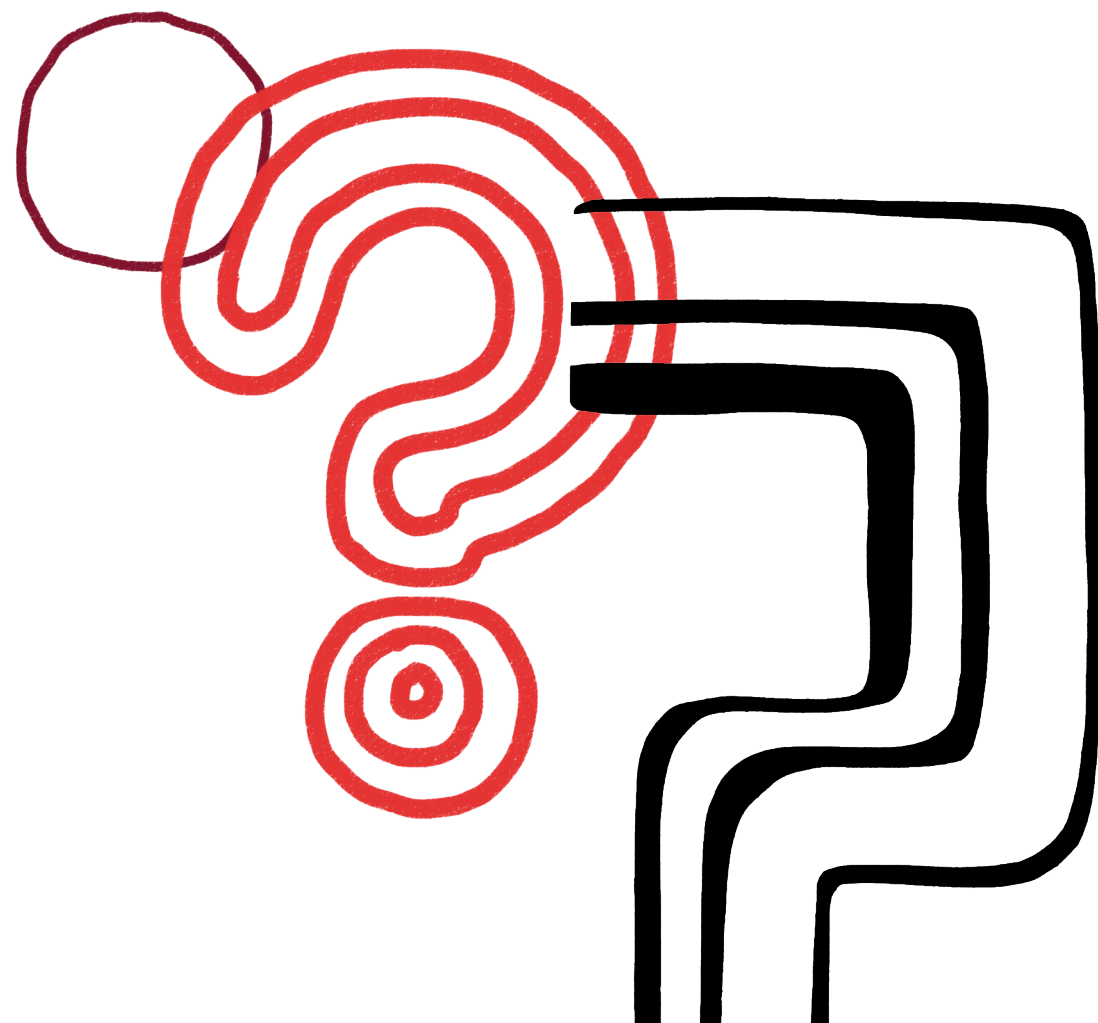
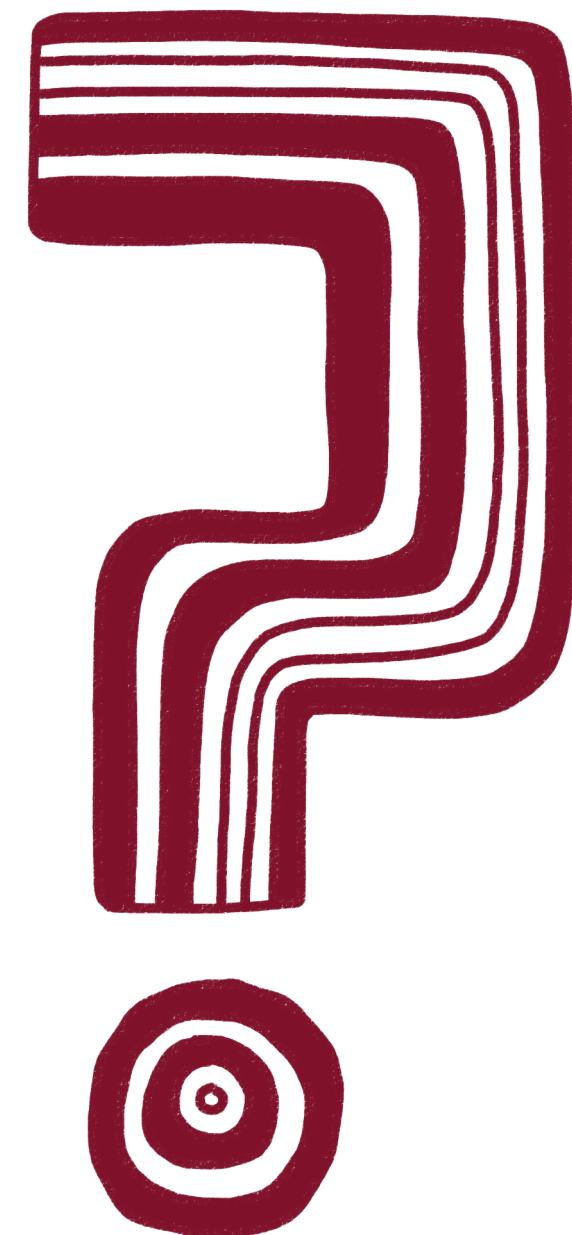
PERGUNTAS

1. A ocupação Guarani-Kaiowá no que hoje corresponde ao estado do Mato Grosso do Sul é imemorial, o que significa que estão ali desde antes da chegada dos atuais proprietários de fazendas e seus predecessores. A partir do filme e do histórico territorial Guarani-Kaiowá coloque em debate a pergunta: quem são os reais invasores de terras no Brasil?
2. Você já parou pra pensar: em cima de qual território indígena, sua cidade, seu bairro e sua casa foram construídos?



CURIOSIDADE

Em 1967 o SPI - Serviço de Proteção aos Índios se transformou em FUNAI - Fundação Nacional do Índio. Hoje a FUNAI mantém esta sigla, mas o nome mudou para Fundação Nacional dos Povos Indígenas.



DIREITO ORIGINÁRIO X MARCO TEMPORAL

Os povos indígenas foram os primeiros habitantes desta terra e seu direito aos territórios que tradicionalmente ocupam é, por isso, um **direito originário**, isto é, **anterior à criação do próprio Estado brasileiro**.

Esse direito originário às suas terras está garantido pela constituição de 1988, e foi resultado da luta e mobilização dos povos indígenas. O artigo 231 diz o seguinte:

*“São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os **direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam**, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.*

A própria Constituição estabeleceu um prazo de cinco anos para a demarcação de todas as Terras Indígenas, ou seja, até 5 de outubro de 1993, o que não ocorreu.

Hoje esse direito originário se encontra ameaçado pela tese do marco temporal.

Já ouviu falar?

O QUE É O MARCO TEMPORAL?

A “tese do marco temporal” pretende restringir as demarcações de terras indígenas apenas àquelas áreas que estivessem sob a posse comprovada dos povos originários em 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Federal de 1988.

Essa tese pode impactar negativamente mais de 800 terras indígenas e até mesmo desencadear processos de revisão de terras já demarcadas e regularizadas, isto é, será uma verdadeira catástrofe para os primeiros habitantes do Brasil.

O marco temporal reforça as violências históricas contra os povos indígenas que resultaram na expulsão de seus territórios e os impedem, até hoje, de estarem em suas terras tradicionais, como é o caso dos Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul.

Hoje os indígenas tem inúmeras formas de luta para a garantia de seus direitos, conheça algumas delas:

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DO ATL - ACAMPAMENTO TERRA LIVRE?

O Acampamento Terra Livre (ATL) é um encontro anual que reúne povos indígenas de diferentes regiões do Brasil na capital federal, Brasília, para discutir questões relacionadas a demandas territoriais, culturais e ambientais de seus povos. O evento é organizado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), uma rede que representa diversas organizações indígenas do país.

Para saber mais sobre o ATL:

<https://apiboficial.org/historicoatl/>



No TRECHO 3 do filme **“Vento na Fronteira”** acompanhamos Alenir na mobilização do Acampamento Terra Livre em Brasília em abril de 2017. [VEJA AQUI](#)

Foto: Kaiti Topramre/
@kaititopramrefoto/
Cobertura Colaborativa
APIB



INDÍGENAS NA POLÍTICA BRASILEIRA



CÉLIA XACRIABÁ

é Deputada Federal eleita pelo Psol Minas-Gerais e preside a Comissão da Amazônia e dos Povos Originários e Tradicionais na Câmara dos Deputados.
[instagram.com/celia.xakriaba](https://www.instagram.com/celia.xakriaba)



SÔNIA GUAJAJARA

é ministra do Ministério dos Povos Indígenas.
[instagram.com/guajajarasonia](https://www.instagram.com/guajajarasonia)



JOÊNIA WAPIXANA

é a atual Presidente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas - FUNAI.
[instagram.com/joeniawapichana/](https://www.instagram.com/joeniawapichana/)



WEIBE TAPÉBA

é Secretário de Saúde Indígena do Ministério da Saúde.
[instagram.com/weibetapeba](https://www.instagram.com/weibetapeba)

RETOMADA DE TERRAS

As retomadas de terras são uma forma política de recuperação, pelos indígenas, de áreas por eles tradicionalmente ocupadas e que se encontram em posse de não-indígenas.

Nesses movimentos, a articulação política na luta pelas terras caminha junto com a espiritualidade, com rezas, cantos e rituais. A relação com os ancestrais se atualiza pois trata-se do retorno aos territórios habitados pelos indígenas que já se foram.

No caso dos Guarani-Kaiowá, no final da década de 1970, as lideranças das famílias expulsas de seus territórios tradicionais (*tekoha*) articularam iniciativas de luta pela recuperação de território que de fato passaram a ocorrer nas décadas seguintes. Na primeira metade da década de 1980, a luta pelo retorno aos *tekoha* começou a ser discutida e planejada em Grandes Assembleias – os *Aty Guasu* –, que tomavam corpo a partir da configuração de redes e de alianças constituídas entre as lideranças das famílias.



Conheça mais a *Aty Guasu*
<http://atyguasu.blogspot.com/>

No TRECHO 4 Alenir, protagonista do filme **“Vento na Fronteira”**, participa de uma Reunião do *Aty Guasu* em 2019.



[VEJA AQUI](#)

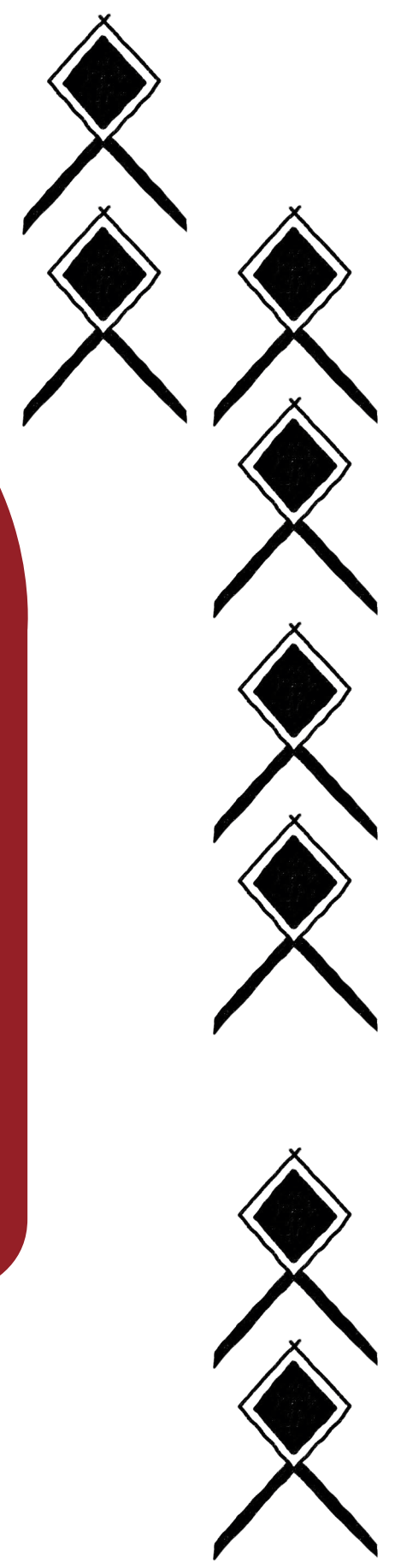


Desde 2006 existe também a *Kuñangue Aty Guasu*, Grande Assembleia das Mulheres Kaiowá e Guarani.

Em 2006 as mulheres indígenas Kaiowá e Guarani decidiram em coletivo que seriam porta-vozes de sua caminhada, essa decisão histórica iniciou-se no território sagrado Nãnde Ru Marangatu, Município de Antônio João-MS. Nessas assembleias elas discutem desde questões relativas à demarcação das terras até pautas específicas como violência doméstica, soberania alimentar, impacto das monoculturas no entorno das terras indígenas, dentre outras.



Visite o site:
<https://www.kunangue.com/>



Os Guarani-Kaiowá da Terra Indígena Nhande Ru Marangatu fizeram **3 retomadas** em 1998, 2005 e 2015, que foram violentamente reprimidas pela polícia e pelos fazendeiros. Vivendo na beira da estrada que margeia suas terras ancestrais por quase um ano, os indígenas Guarani e Kaiowá ocupam hoje cerca de **85% de seu território**.

Na disputa pela Terra Indígena Nhande Ru Marangatu foram **assassinados** os indígenas:

Dorvalino Rocha, morto em 2005, após a retomada e subsequente reintegração de posse da Terra Indígena, por um segurança da empresa de vigilância particular Gaspem, contatada pela família de Luana Ruiz Silva. Segundo a família, o segurança agiu em legítima defesa.

Semião Vilhalva, assassinado em 2015. Nessa ocasião, após a retomada de áreas das fazendas pelos Guarani e Kaiowá, dezenas de indígenas Guarani e Kaiowá, incluindo mulheres e crianças, foram atingidos por balas de borracha e pauladas e o corpo de Semião Vilhalva foi encontrado sem vida, com um tiro na cabeça. Os fazendeiros e a polícia afirmam que Dorvalino foi morto pelo próprio irmão, o que é negado pelos indígenas. O ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta é um dos políticos que estavam no local.

Em 1983, **Marçal de Souza**, líder histórico Guarani, também foi assassinado no território. Marçal não nasceu na Terra Indígena, mas passou os últimos anos de vida lá, dando apoio à luta de Alziro Vilhalba.



Assista ao TRECHO 5 de **“Vento na Fronteira”** sobre a Retomada [VEJA AQUI](#)

Relato de Alenir: *“Quando estávamos em uma retomada para reocupar nossas terras ancestrais, nós escutamos pessoas que gritavam, diziam: “Vamos! Vamos! Venham! Vamos!” Depois que tudo passou eu me sentei a pensar me lembrei dos meus avós e dos meus ancestrais que diziam que não estamos sozinhos sobre a Terra”.*



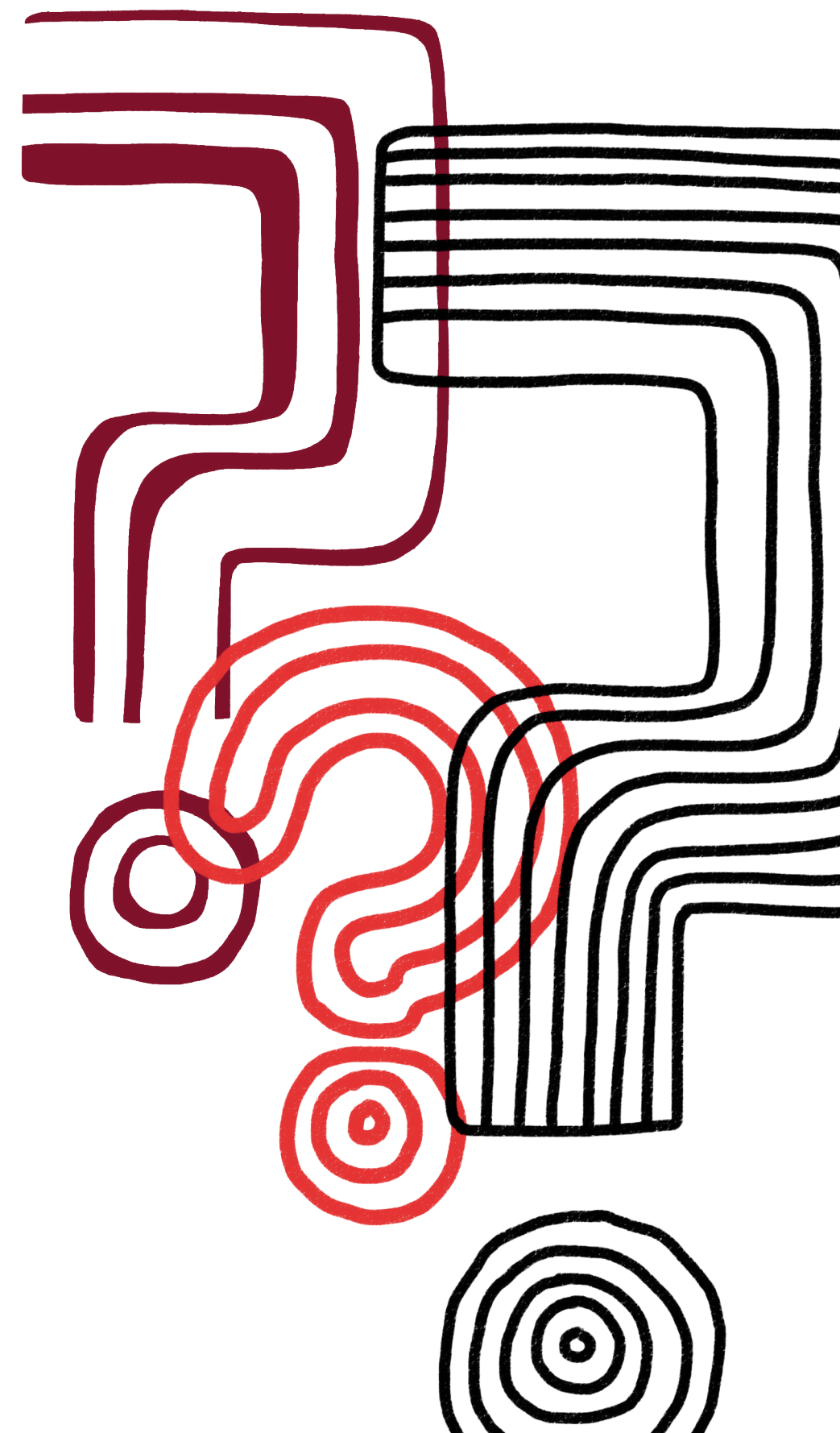
E TRECHO 6 - Trecho da viagem à Alemanha [VEJA AQUI](#)

Nos trechos do filme vemos como os Guarani-Kaiowá fazem a sua luta territorial: de forma coletiva, com a força dos seus ancestrais, com articulação política, buscando aliados no exterior e vemos, também, os modos como os fazendeiros agem para garantir sua propriedade: com uso de violência, portando armas de fogo e usando de sua influência política e do poder do capital. Esta parece ser uma luta com igualdade de condições?

Nota-se que o Estado brasileiro está em dívida no dever constitucional de efetivar o direito territorial dos povos originários e, nesse contexto, as comunidades e organizações indígenas articulam-se politicamente para reivindicar seus territórios. É nesse contexto que as retomadas convertem-se em uma forma de resistência e luta dos indígenas

PERGUNTAS

1. **Haja visto o histórico de expropriação territorial e a omissão do Estado em garantir os direitos territoriais dos Guarani-Kaiowá, as retomadas de terras não poderiam ser pensadas como um direito à resistência e uma forma legítima de lutar contra a opressão e vulnerabilidade social em que vivem os indígenas?**
2. **Se a classe política local e o sistema judiciário são compostos por pessoas que têm expressamente o interesse em manter as propriedades particulares, o que esperar da Justiça e da atuação do Estado na mediação do conflito?**
3. **Como você imagina que esse impasse possa ser resolvido?**



É MUITA TERRA PRA POUCO FAZENDEIRO

Você já deve ter ouvido falar: *“ah, mas é muita terra pra pouco índio”*. Você sabe por que essa é uma falsa tese?

No Brasil, país com uma das mais desiguais distribuições de terra do mundo, 1% dos donos da terra concentra quase metade (47,6%) da área total do país.

Assim, os **47 mil** maiores proprietários acumulam **150 milhões de hectares**, resultando numa área média de 3.152 hectares por proprietário.

27% a mais do que a totalidade das terras indígenas que ocupam cerca de 13% do território nacional.

No último censo do IBGE realizado em 2022 a população indígena somou 1.652.876 pessoas. Se cada indígena tivesse direito a 3.152 de hectares, as terras indígenas somariam mais de 5 bilhões de hectares, o equivalente a mais de 6 Brasis.

Ou seja, não é muita terra pra pouco índio, é muita terra pra pouco fazendeiro!

MATO GROSSO DO SUL

CAMPEÃO DE CONFLITOS POR TERRA

No Mato Grosso do Sul, um dos estados campeões em conflitos por terras, propriedades rurais se espalham por 86% do território, enquanto indígenas têm demarcados 2,4% de hectares de terras.

O Mato Grosso do Sul é o estado com a **segunda maior população indígena** (cerca de 85 mil) e a **segunda pior distribuição de terras**. As grandes propriedades (> 1.000 ha) ocupam 83% da área.

Das 32 terras dos Guarani Kaiowá e Nhandeva no estado, as comunidades estão atualmente na posse efetiva de apenas 29% da área total delimitada.

O estado concentra 39,4% dos assassinatos de indígenas registrados no Brasil (2003-2019) e 63,7% dos suicídios cometidos por indígenas, entre 2000 e 2019.



PARA SABER MAIS

Estas e outras informações sobre os conflitos por terras envolvendo indígenas no Mato Grosso do Sul estão no artigo: **“É muita terra pra pouco índio”? Ou muita terra na mão de poucos? Conflitos fundiários no Mato Grosso do Sul**” escrito por Anderson de Souza Santos, Luiz Henrique Eloy Amado, Dan Pasca. Disponível em: [LINK](#)

Ruralistas que estão no centro do poder político do país possuem quase 100 mil hectares de fazendas sobrepostas a terras indígenas.

O Observatório *De Olho nos Ruralistas* publicou em 2023 o dossiê “Os Invasores”, que identifica líderes ruralistas financiados por empresários que possuem áreas com sobreposições a territórios indígenas, bem como políticos e seus familiares que detêm fazendas sobre terras indígenas.



Leia o relatório aqui: [LINK](#)

O Mato Grosso do Sul é peça central no tabuleiro das sobreposições. A advogada Luana Ruiz, personagem do filme **“Vento na Fronteira”** é uma das pessoas que protagonizam conflitos territoriais com os povos indígenas no estado. A família (pai, tio e tia) de Luana possui mais de 4 mil hectares sobrepostos aos 9.317,2160 hectares da Terra Indígena Nãnde Ru Marangatu (Antônio João - MS).

Hoje, a bancada ruralista presente no congresso encabeça o grupo de parlamentares a favor do marco temporal, por que será?



RELAÇÃO COM A TERRA I

O filme **“Vento na Fronteira”** coloca em evidência duas racionalidades e duas formas diferentes de relacionamento com a terra. Os elementos que marcam a territorialidade indígena são os vínculos afetivos com o seu território, o sentimento de pertença à terra que se traduz no sentido de dar a sua vida pela sua terra. Por outro lado, o uso que os fazendeiros e produtores rurais dão ao território se enquadra numa lógica bem diversa, orientada pelo sentido capitalista e utilitarista que vê o território como mercadoria.



TRECHO 7
[VEJA AQUI](#)

Relato de Alenir: *“Aqui, agora, neste lindo lugar, eu me lembro do que dizia meu avô, que todas as coisas tem um guardião. Não existem em vão. A grande floresta, os grandes rios, os mananciais, tudo o que existe, os animais tem um guardião, alguém que cuida deles para que nada se extinga. (...) Eu sou quem conduz o seu olhar. (...) E agora, a floresta verdejante, você não pode vê-la... e se ela existe. Os brancos a destroem, eles cortam todas as árvores por onde passam. Os brancos dizem que são os donos da terra. Então, não é assim. Dono é quem cuida”.*

Os Ñanderus (rezadores) são figuras essenciais entre os Guarani-Kaiowá. Leia o relato do rezador Tadeu Romero Freita:

“Eu nasci nesse lugar e sou um rezador, um dos guardiões das rezas. E seguirei assim enquanto viver. O que eu faço não é somente pra mim, mas para as pessoas do mundo inteiro. Nós somos como a alma da terra e vivemos sobre ela. E quem nos deu estas terras pra viver foi Jara, o criador”.

Está em voga hoje o debate sobre as mudanças climáticas e sobre a importância da preservação das florestas para conter o aquecimento global. As terras indígenas são essenciais para a preservação do meio ambiente, pois funcionam como escudos contra o desmatamento e são reservatórios naturais de CO². Noventa e oito por cento das florestas em Terras Indígenas estão preservadas e, na Amazônia, armazenam mais de 30% do total de CO² no país, essencial para o equilíbrio climático.

Hoje diversas lideranças indígenas como Davi Kopenawa Yanomami e Ailton Krenak têm lançado suas vozes críticas ao modo insustentável como a sociedade capitalista tem vivido no Planeta.

Nos últimos anos, a atuação das mulheres indígenas em prol da defesa dos direitos dos seus povos, territórios e florestas em pé tem ganhado cada vez mais espaço. Nesse movimento, vozes de mulheres como Alenir Aquino Ximendes, protagonista do filme **“Vento na Fronteira”**, Txai Suruí e Valdelice Veron dentre tantas outras precisam ser escutadas.



Valdelice Veron, cacique Guarani-Kaiowá da Terra Indígena Taquara, município de Juti, no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. Recebeu um prêmio global de liderança em 2022 por liderar seu povo na luta pelos territórios tradicionais e contra o desmatamento. Realiza doutorado em Antropologia na Universidade de Brasília. Veja vídeo de julho de 2022 em que Valdelice Veron denuncia violência contra o seu povo: [LINK](#)



Txai Suruí, pertencente ao povo Suruí de Rondônia, desponta como uma importante ativista e ambientalista que tem nos alertado sobre a importância dos povos indígenas na marcha contra o aquecimento global e as mudanças climáticas. Veja o seu discurso na Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática - COP 26 ocorrida em 2021 no Reino Unido. Veja: [LINK](#)

PERGUNTAS

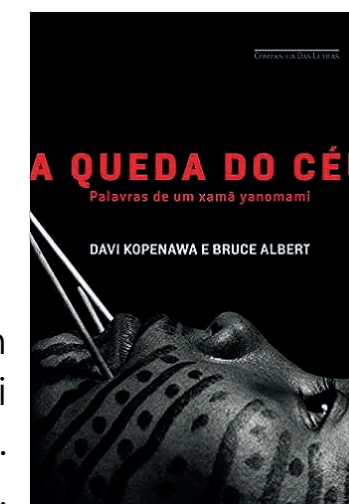
1. A partir dos depoimentos de Alenir e do Ñhanderu (rezador) Tadeu Romero Freita, das falas dos fazendeiros no filme e das imagens de suas propriedades, discuta as diferenças entre as relações praticadas com a terra pelos indígenas Guarani-Kaiowá e pelos fazendeiros.
2. Você já pensou que relações você, sua família e seus vizinhos mantêm com o território em que vivem?
3. Você acha que as relações indígenas de pertencimento e cuidado com a terra podem contribuir com o debate global sobre a crise climática?
4. Como criar alternativas de existência no planeta que não sejam predatórias?

PARA SABER MAIS



Leiam o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak. Companhia das Letras, 2019.

Leiam também *A queda do céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Companhia das Letras, 2015.



QUESTÕES DISPARADORAS PARA ANIMAR OS DEBATES PÓS-EXIBIÇÃO

Estas questões foram elaboradas pensando em animar os debates pós-exibição para diferentes públicos. O responsável pela mediação pode ir direto às questões ou, se preferir, percorrer o material de apoio. As questões foram formuladas a partir de aprofundamentos temáticos sugeridos pelo filme e aparecem ao longo do material de apoio, fiquem à vontade para utilizá-las como preferirem!

BOA DISCUSSÃO!

ESTEREÓTIPOS E INVISIBILIDADE

- ▶ No filme observamos diversas falas dos fazendeiros que reproduzem e amplificam estereótipos e preconceitos sobre os povos indígenas tais como: *“os indígenas são atrasados, são incapazes, passíveis de serem comparados com crianças que precisam de limites”* e etc. Por que a temática indígena é tão pouco conhecida no nosso país?
- ▶ Como essa invisibilidade se produz e reproduz na nossa sociedade?
- ▶ Como romper com o ciclo de produção de preconceitos e conhecer os povos indígenas?

ESCOLAS NAS ALDEIAS E TEMÁTICA INDÍGENA NAS ESCOLAS

- ▶ Você viu no filme que existem escolas bilíngues nas aldeias. Como você imagina que as escolas podem potencializar a luta indígena por direitos?
- ▶ A temática indígena fez parte da sua trajetória escolar? Se sim, como?
- ▶ Você acha que a escola contribui para a produção da invisibilidade dos povos indígenas?

CONFLITOS DE TERRAS

- ▶ A ocupação Guarani-Kaiowá na área da Terra Indígena Nhande Ru Marangatu é imemorial, o que significa que estão ali desde antes da chegada dos atuais proprietários de fazendas e seus predecessores. Este caso Guarani-Kaiowá é apenas mais um de muitos casos de expulsão e perda de terras de que foram vítimas os indígenas brasileiros. A partir do filme coloque em debate a pergunta: quem são os reais invasores de terras no Brasil?
- ▶ Você já parou para pensar: em cima de qual território indígena, sua cidade, seu bairro e sua casa foram construídos?
- ▶ Haja visto o histórico de expropriação territorial e a omissão do Estado em garantir os direitos territoriais dos Guarani-Kaiowá, as retomadas de terras não poderiam ser pensadas como um direito à resistência e uma forma legítima de lutar contra a opressão e vulnerabilidade social em que vivem os indígenas?

- ▶ Se a classe política local e o sistema judiciário são compostos por pessoas que têm expressamente o interesse em manter as propriedades particulares, o que esperar da Justiça e da atuação do Estado na mediação do conflito? Como você imagina que esse impasse possa ser resolvido?
- ▶ Discuta as diferenças entre as relações praticadas com a terra pelos indígenas Guarani-Kaiowá e por fazendeiros.
- ▶ Você já pensou que relações você, sua família e seus vizinhos mantêm com o território em que vivem?
- ▶ Você acha que as relações indígenas de pertencimento e cuidado com a terra podem contribuir com o debate global sobre a crise climática?
- ▶ Como criar alternativas de existência no planeta que não sejam predatórias?

CADERNO EDUCATIVO

Nós da Taturana Cinema e Impacto Social temos como missão a democratização do acesso a documentários promovendo a distribuição desses filmes como objetos culturais e meio de conhecimento de realidades brasileiras. Nesse sentido, temos sempre no horizonte a elaboração de materiais de apoio que sirvam de possíveis metodologias pedagógicas a partir dos filmes que distribuímos. O modo como nos aproximamos dessa abordagem tenta se adaptar a nossa época, marcada pela rápida, profunda e contínua mutação de maneiras de produzir, ver, receber e difundir imagens. Imagens que se veem em múltiplas telas: desde as grandes telas das salas de cinema até as pequenas telas de dispositivos móveis passando pela televisão, os computadores e os tablets.

Essas mudanças repercutem no cinema e sua transmissão deve tê-los em conta, especialmente no que concerne à maneira cada vez mais fragmentada de ver filmes a partir de telas diversas. Por isso, os materiais de apoio se propõem e afirmam como uma pedagogia sensível e intuitiva, oferecendo informação, ferramentas de análise e diálogos com outros campos de conhecimentos.

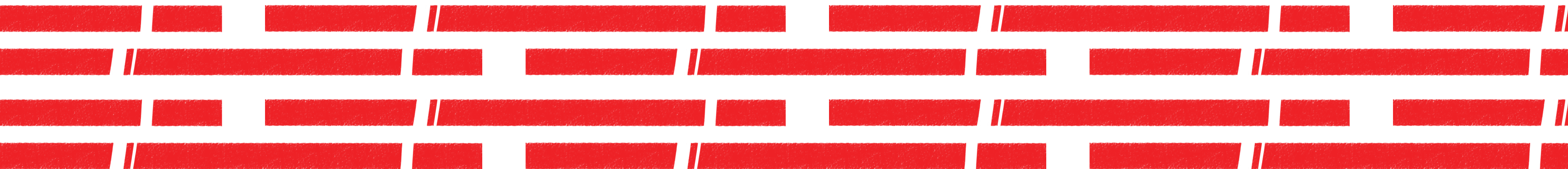
Especificamente, este material de apoio foi desenvolvido para ser um convite para apropriar-se do filme **“Vento na Fronteira”** com liberdade e flexibilidade, podendo ser utilizado a partir de diferentes escalas: por um assunto específico, agrupando temáticas e por fragmentos do filme ou para fazer um debate completo. O objetivo é poder observar o filme em múltiplas leituras, explorar o potencial do cinema como uma arte extraordinariamente valiosa para fazer crescer as miradas das jovens gerações.



TATURANA

cinema e impacto social

A Taturana é uma organização sem fins lucrativos que, desde 2014, acredita no poder do cinema para articular redes, fomentar diálogos e fortalecer vínculos sociais. Articula e difunde filmes para comunicar, denunciar e narrar outras histórias, estimulando a imaginação e provocando debates.





VENTO NA FRONTEIRA

O filme Vento na Fronteira nos leva ao coração do agronegócio brasileiro, a região fronteira do Brasil com o Paraguai, território Ñande Ru Marangatu do Mato Grosso do Sul. Com visões de mundo irreconciliáveis pela forma de viver, duas mulheres e duas narrativas antagônicas são expostas: por uma lado, uma professora indígena luta pelo direito de sua comunidade às terras ancestrais. No lado oposto, a herdeira dessas terras, uma advogada com fortes relações com a bancada ruralista.





FICHA TÉCNICA DO FILME

Direção, Pesquisa e Roteiro: **Laura Faerman e Marina Weis**

Cinematografia: **Alziro Barbosa, ABC**

Produção Executiva: **Julio Matos, Marcelo Félix, Marcinho Zolà**

Direção de Produção: **Julio Matos, Rodrigo Díaz Díaz, Luís Ludmer**

Som Direto: **Fernando Cavalcante, Paulo Seabra, Ubiratan Guidio**

Consultoria de Montagem: **Karen Akerman**

Assistência de Montagem: **Augusta Gui**

Supervisão de Edição de Som: **Miriam Biderman, ABC**

Desenho de Som e Mixagem: **Ricardo Reis, ABC**

Edição de Som: **Débora Morbi, Pammela Gentil, Rafael Leite, Rodrigo Estevez, Vitor Coroa e Camila Mariga**

Correção de cor: **Leandro Lamezi**

Coordenação de Pós Produção: **Julio Matos e Lucas Lazarini**

Produção de finalização: **Bárbara Sodré**

Coordenação de finalização e Masterização de DCP: **Lucas Lazarini**

Edição de Som, Foleys e Mixagem: **Effects Filmes**

Fotografia Alemanha: **Marina Weis**

Imagens Aéreas: **Julio Matos**

Assistência de Câmera: **Leandro Lamezi, Vinicius Angotti Guissoni**

Produção de Base: **Bruna Schroeder, Carol Alberini, Jean Fichefeux**

Assistência de Produção: **Bruna Prado**

Som da Pesquisa: **Alan Caferro, Silvio Luis Cordeiro**

Produção Local Brasília: **Gustavo Vieira**

Controller: **Marcelo Félix, Marcinho Zolà**

Estudo de Montagem: **Yuri Amaral**

Consultoria de montagem: **Karen Akerman**

Transcrição: **Julio Mattos**

Tradução Guarani: **Derlis Cañiza, Leidy Recalde e Maria E. Avalos**

Tradução Inglês: **Tyr Peret e Sarah Day**

Tradução Espanhol: **Luna Acosta**

Tradutora e Intérprete de Libras: **Rafaella Sessenta**

Audiodescrição: **Bell Machado/Quesst Consultoria (roteiro e locução) e Emmanuelle Alkmin (consultoria)**

Arte Gráfica e Design: **Lokomotiv Studio e Victor Gorino**

Assessoria Jurídica: **Bruno de Oliveira Pregnolato**



ONDE ASSISTIR, ORGANIZANDO UMA EXIBIÇÃO GRATUITA

Você pode organizar uma sessão autogestionada do filme completo!

Nós da Taturana - Cinema e Impacto Social permitimos que exibidores de qualquer lugar do mundo usem a Plataforma Taturana para realizar sessões gratuitas e promover conversas e atividades transformadoras a partir do filme com seus convidados. Como contrapartida basta nos informar quantas pessoas participaram e como foi o evento. Veja como funciona:

- 1- Acesse a plataforma www.taturanamobi.com.br
- 2- Cadastre-se criando um login e senha
- 3- Clique em “Filmes” e escolha “*Vento na Fronteira*”, em seguida clique em “Ver detalhes do filme”
- 4- Clique em “Quero organizar uma sessão”



Tenha em conta que as sessões devem ser agendadas pela Plataforma Taturana com antecedência de 10 dias.

Pronto, agora só esperar que entraremos em contato para te enviar o link do filme. Mas não se esqueça de:



Divulgar sua sessão para amigos e em suas redes sociais, marcando [@taturanamobi](https://www.instagram.com/taturanamobi)

E logo depois da exibição, mande fotos e conte pra gente como foi a conversa pela própria plataforma, clicando na sua foto de perfil e clicando na sessão escolhida. Aí você preenche os campos e pode fazer upload das imagens!

Se você tiver alguma dúvida e quiser outras informações, fale com a gente pelo contato@taturanamobi.com.br

Atenção: A plataforma não funciona em celulares, dê preferência a um computador para agendamentos de sessões.

Seja parte da **#RedeExibidoresTaturana**

**YOUTUBERS INDÍGENAS**

▶ Canal Wariu

https://www.youtube.com/channel/UCZFj_5-VLQRddUKouwCSpbA

▶ Ysani Kalapalo

<https://www.youtube.com/channel/UC9FalRoM4kMvmMEHLdkh0jg>**OUTROS**

▶ ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

<https://apiboficial.org/>

▶ SUMAÚMA JORNALISMO

<https://sumauma.com/>

▶ AGÊNCIA DE NOTÍCIAS A PÚBLICA

<https://apublica.org/ensaio/2018/04/a-resistencia-guarani-e-kaiowa/>

▶ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS REALIZADORES INDÍGENAS DO MATO GROSSO DO SUL (ASCURI)

<https://www.ascuri.org/>

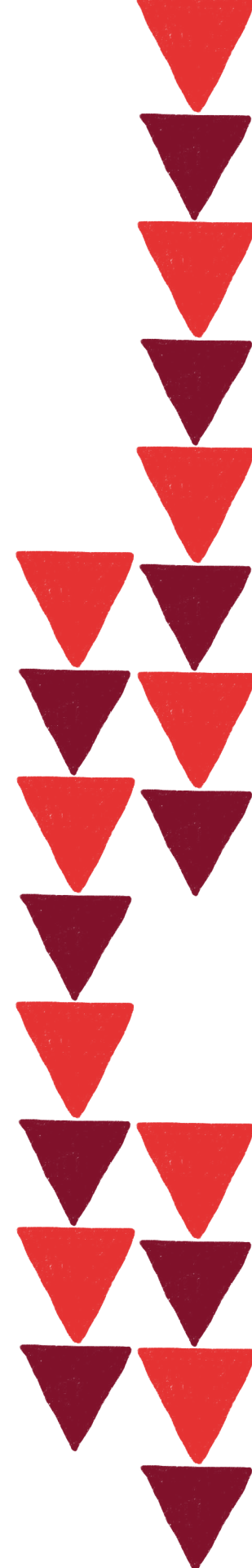
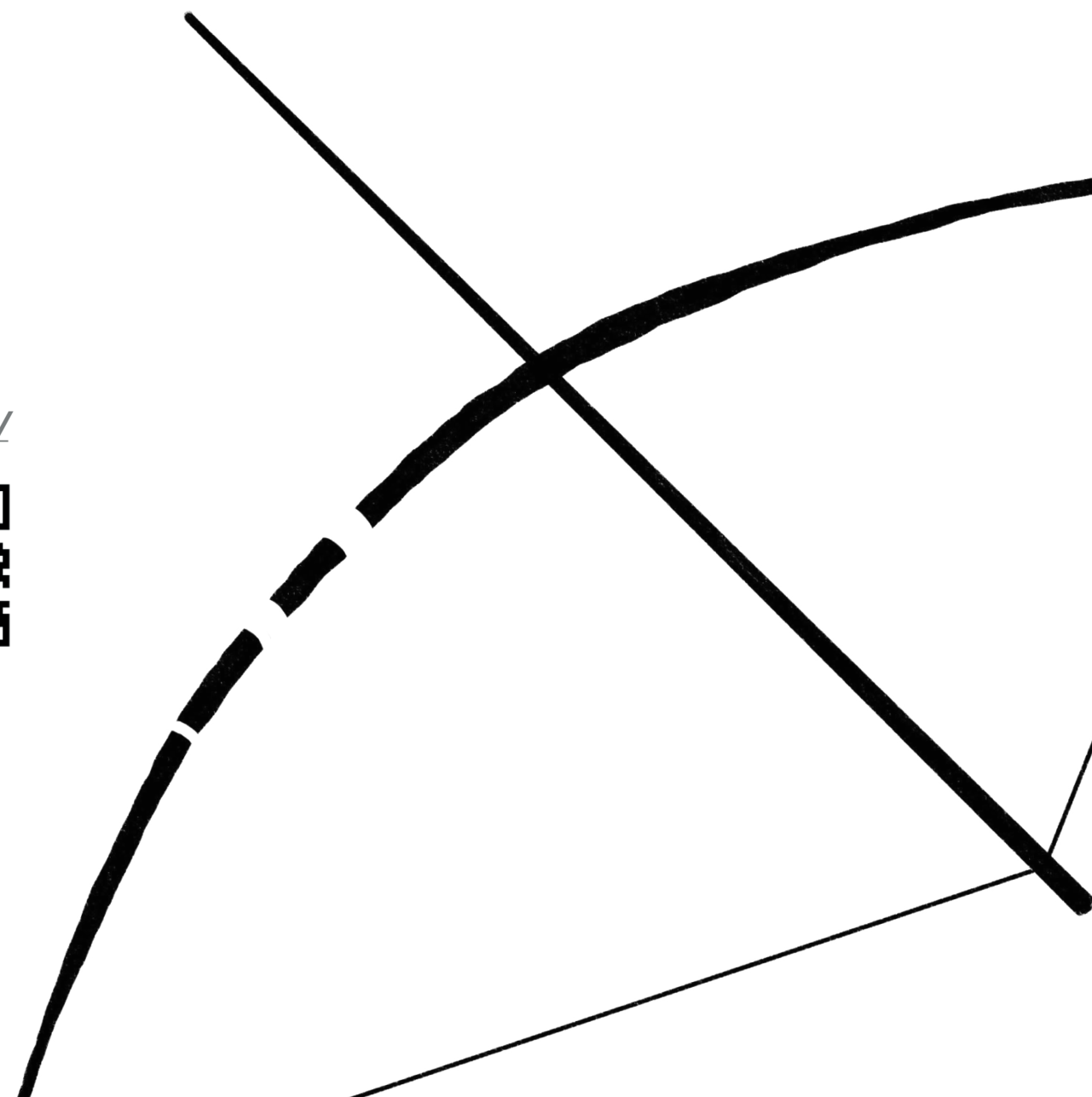
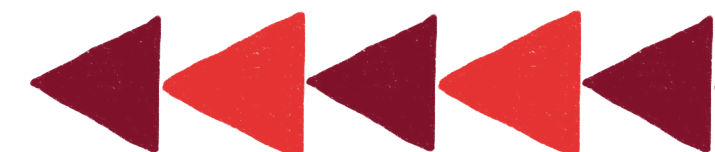
▶ REDE AUDIOVISUAL DE MULHERES INDÍGENAS

<https://katahirine.org.br/>

▶ DE OLHO NOS RURALISTAS

<https://deolhonosruralistas.com.br/>

PARA SABER MAIS



CRÉDITOS

Autora dos textos e da proposta pedagógica:
Alice Villela

Colaboração texto:
Laura Faerman e Juliana Brombim

Diagramação e Desenho Gráfico:
Babi Sonnewend

Ilustrações:
Adriana Alves

Concepção e supervisão de impacto:
Rodrigo Díaz Díaz

Coordenação da campanha:
Juliana Brombim

Mobilização:
Paula Costa Vaz

Este material foi produzido como parte da estratégia de lançamento em cinemas e campanha de impacto do filme **“Vento na Fronteira”** através do Edital nº02/2021/Spicine - Distribuição de pequeno e médio porte de longa-metragens.

